PREVENÇÃO, AUTOCUIDADO E RESPEITO: RELATO DE EDUCAÇÃO SEXUAL ENTRE PARES EM ESCOLA PÚBLICA DO SUL CAPIXABA

Quésia Antunes Pereira, Lívia Santos de Paula Freitas, Fabiana Dayse Magalhães Siman Meira.

Universidade Federal do Espírito Santo, Alto Universitário, S/N – Guararema,29500-000 – Alegre-ES, Brasil. quesia.pereira@edu.ufes.br, liviasantosfreitas08@gmail.com, fabiana.meira@ufes.br.

Resumo

A educação entre pares favorece o protagonismo juvenil e a comunicação entre adolescentes na promoção da saúde sexual. Este trabalho relata a experiência de uma ação de educação em saúde sexual desenvolvida por graduandos e adolescentes em parceria com uma escola pública. Por meio de metodologias ativas, como modelos anatômicos, dinâmicas, rodas de conversa e exibição de documentário, foram abordados anatomia e fisiologia reprodutiva, métodos contraceptivos, infecções sexualmente transmissíveis, gravidez na adolescência, consentimento, autoconhecimento e respeito aos próprios limites. Após a formação, os adolescentes bolsistas atuaram como multiplicadores junto às turmas do ensino fundamental. A experiência favoreceu a participação ativa dos estudantes, a abordagem dialogada dos conteúdos e o desenvolvimento, entre os bolsistas, da comunicação, da autonomia e do pensamento crítico. Conclui-se que formar adolescentes como multiplicadores é uma estratégia viável de educação em saúde sexual na escola, que valoriza a participação juvenil e a articulação entre universidade e escola.

Palavras-chave: Adolescentes. Educação sexual. Ambiente escolar. Educação entre pares.

Área do Conhecimento: Ciências da Saúde.

Introdução

A adolescência constitui uma fase de intensas transformações físicas, psicológicas e sociais, caracterizada pela construção da identidade, da autonomia e da individualidade. Nessa etapa, os adolescentes vivenciam descobertas significativas que influenciam o desenvolvimento de comportamentos e a forma como estabelecem suas relações. Assim, compreender a adolescência apenas como uma faixa etária representa uma visão simplista, uma vez que esse período envolve um complexo processo de transição para a vida adulta sob os aspectos biológico, social e, principalmente, psicológico (Baldoino *et al.*, 2018). Além disso, trata-se de um período marcado pela exploração de diferentes possibilidades e pela construção da identidade, fatores que podem estar associados ao surgimento e à persistência de problemas de comportamento, especialmente entre adolescentes em difusão de identidade (Schoen-Ferreira; Aznar-Farias; Silvares, 2003).

Nos últimos anos, o avanço das tecnologias digitais e da inteligência artificial ampliou significativamente o acesso a conteúdos relacionados à sexualidade. Entretanto, a maior disponibilidade de informações não tem sido suficiente para suprir as lacunas de conhecimento dos adolescentes sobre métodos contraceptivos, prevenção das infecções sexualmente transmissíveis (IST) e aspectos relacionados à sexualidade (Vieira *et al*., 2021). Embora apresentem facilidade no uso das tecnologias, os adolescentes permanecem vulneráveis à seleção e à interpretação das informações disponíveis na internet, o que pode favorecer comportamentos de risco. Nesse contexto, o sexo desprotegido permanece como um importante problema de saúde pública, estando associado à ocorrência de gravidez não planejada e de infecções sexualmente transmissíveis, com impactos para os adolescentes, suas famílias, a sociedade e os serviços de saúde (Vieira *et al.,* 2021). Diante dessa realidade, a educação em saúde no ambiente escolar constitui uma estratégia essencial para promover o acesso a informações confiáveis, estimular o pensamento crítico e favorecer a adoção de práticas de autocuidado.

Entre as diferentes estratégias educativas, a educação entre pares tem se destacado por favorecer a aproximação entre os participantes, reduzindo barreiras culturais e ampliando a identificação dos adolescentes com os temas abordados. Essa metodologia possibilita que os próprios jovens atuem

como mediadores do processo educativo, promovendo discussões mais naturais, participativas e contextualizadas à realidade juvenil, o que fortalece o protagonismo dos estudantes e potencializa o processo de aprendizagem (Padrão *et al*., 2021).

Dessa forma, a associação entre educação em saúde, metodologias ativas e educação entre pares representa uma estratégia promissora para a promoção da saúde sexual no ambiente escolar, contribuindo para a construção de conhecimentos, o desenvolvimento do senso crítico e a adoção de comportamentos mais seguros e responsáveis. Nesse sentido, o presente estudo tem como objetivo relatar a experiência de um projeto de educação em saúde voltado à promoção da saúde sexual com adolescentes de uma escola pública do sul capixaba, destacando as estratégias educativas utilizadas e suas contribuições para a formação dos participantes.

Metodologia

Trata-se de um estudo descritivo, qualitativo, com relato e análise crítica da experiência de educação entre pares na abordagem da educação sexual no ambiente escolar. Este estudo deriva de um projeto maior intitulado Programa de Iniciação Científica Júnior do Espírito Santo – Pesquisador do Futuro (PICJr – Edital FAPES/SEDU nº 12/2024), cujo tema foi "Prevenção, autocuidado e respeito: vamos falar sobre saúde sexual?", desenvolvido com cinco estudantes adolescentes do ensino médio.

O estudo foi realizado na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Campus de Alegre, e em uma Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio localizada em um distrito do município de Alegre, Espírito Santo, Brasil.

Inicialmente, a tutora ministrou aulas expositivas e práticas com o objetivo de avaliar os conhecimentos prévios dos estudantes sobre saúde sexual. Nesse momento, foram utilizadas dinâmicas interativas para despertar o interesse dos participantes e promover um ambiente acolhedor, favorecendo a participação e o esclarecimento de dúvidas.

Posteriormente, os conteúdos relacionados à saúde sexual foram desenvolvidos por meio de metodologias ativas de ensino, incluindo dinâmicas em grupo, debates baseados em filmes e artigos científicos, rodas de conversa, jogos de perguntas e respostas, exibição de documentário sobre gravidez não planejada na adolescência, demonstrações práticas (como a realização de teste de gravidez e aula de anatomia utilizando peças anatômicas demonstrativas) e apresentações de trabalhos elaborados pelos estudantes.

Ao término das atividades, os participantes produziram materiais educativos voltados à promoção da saúde sexual, os quais foram divulgados no ambiente escolar como estratégia de educação em saúde e compartilhamento do conhecimento com a comunidade escolar.

Resultados

A definição dos temas e a formação dos estudantes tiveram início com a apresentação do projeto aos estudantes do ensino médio, seguida da integração entre os participantes e da apresentação do cronograma de atividades. Em um primeiro momento, buscou-se identificar o conhecimento prévio dos adolescentes acerca da saúde sexual e levantar as principais dúvidas relacionadas ao tema. A partir dessa etapa, foram definidos os conteúdos que nortearam os encontros ao longo do projeto, contemplando anatomia e fisiologia dos sistemas reprodutores feminino e masculino, Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), métodos contraceptivos, gravidez na adolescência, autoconhecimento, consentimento, respeito aos limites e saúde sexual.

Definidos os temas, a exposição dos conteúdos e o desenvolvimento dos materiais educativos ocorreram por meio de aulas expositivas dialogadas, metodologias ativas e atividades práticas. Inicialmente, foram abordados os sistemas reprodutores feminino e masculino, contemplando aspectos anatômicos e fisiológicos, como órgãos reprodutores, ciclo menstrual, hormônios sexuais, espermatogênese e menopausa. Para consolidar os conhecimentos, foram realizadas atividades utilizando modelos anatômicos e dinâmicas interativas, como identificação de estruturas e o jogo "Quem sou eu?".

Posteriormente, foram discutidos temas relacionados às IST, incluindo formas de transmissão, fatores de risco, prevenção e principais infecções, bem como diferentes métodos contraceptivos, gravidez na adolescência e autocuidado. Como estratégia complementar de sensibilização, foi

realizada uma sessão de cinema com exibição do documentário *Meninas*, seguida de uma roda de conversa para discussão e reflexão sobre a temática (Figura 1).

Além das atividades voltadas à saúde sexual, os participantes desenvolveram habilidades relacionadas à pesquisa científica e às práticas laboratoriais. Foram realizadas aulas sobre busca e leitura de artigos científicos, seguidas da discussão de estudos relacionados à educação sexual na adolescência. No laboratório, os estudantes participaram de atividades sobre reconhecimento de vidrarias, determinação do pH de produtos de higiene íntima e demonstração prática do funcionamento de testes imunológicos de gravidez (Figura 2).

Na etapa final da formação, foram abordados os temas autoconhecimento, consentimento e reconhecimento dos próprios limites, considerados fundamentais para subsidiar a elaboração das ações educativas. Em seguida, os adolescentes produziram roteiros, confeccionaram materiais educativos e participaram de ensaios para organização das atividades que seriam desenvolvidas na escola.

Figura 1 – Sessão de cinema com exibição do documentário “Meninas”, seguida de roda de conversa.



Fonte: Os autores (2026).

Figura 2 – Atividade prática em laboratório: determinação do pH de produtos de higiene íntima.



Fonte: Os autores (2026).

Concluída a formação, as ações escolares foram realizadas com turmas do oitavo ano do ensino fundamental da escola participante e conduzidas pelos próprios adolescentes, que apresentaram os conteúdos trabalhados ao longo da formação por meio de exposições dialogadas, dinâmicas e materiais educativos elaborados durante o projeto. A participação ativa dos bolsistas permitiu a disseminação de informações sobre saúde sexual de forma acessível e contextualizada, favorecendo o diálogo entre os estudantes e fortalecendo o protagonismo juvenil no ambiente escolar (Figura 3).

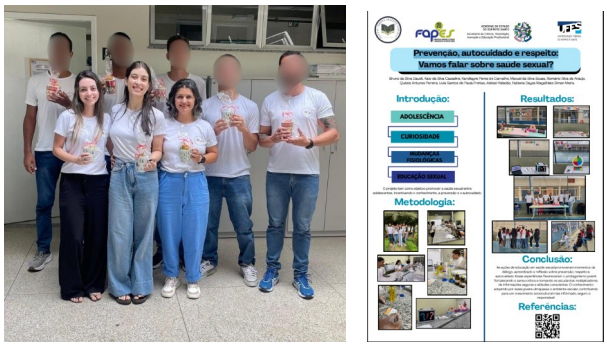
Figura 3 – Ações educativas em saúde sexual conduzidas pelos adolescentes bolsistas junto às turmas do oitavo ano do ensino fundamental



Fonte: Os autores (2026).

Por fim, foi realizado um encontro de avaliação das atividades desenvolvidas e de preparação para a apresentação dos resultados do projeto à Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (FAPES) (Figura 4).

Figura 4 – Encontro de avaliação das atividades e preparação para apresentação dos resultados à FAPES



Fonte: Os autores (2026).

Discussão

A experiência relatada reforça a relevância da educação entre pares como uma estratégia eficaz para a promoção da saúde sexual no ambiente escolar. A apropriação dos conteúdos pelos adolescentes bolsistas, que posteriormente atuaram como multiplicadores junto aos estudantes do 8º ano, corrobora os achados de Padrão ***et al***. (2021), segundo os quais o protagonismo juvenil favorece uma comunicação mais horizontal entre os pares, reduzindo barreiras culturais e geracionais que frequentemente dificultam o diálogo entre adultos e adolescentes sobre sexualidade. De forma semelhante, Oliveira ***et al***. (2025), em relato de experiência de outro projeto de Iniciação Científica Júnior desenvolvido em uma escola estadual do norte do Espírito Santo, observaram que o envolvimento dos estudantes no planejamento e na execução de ações de educação em saúde promoveu o desenvolvimento da autonomia, do pensamento crítico e da comunicação oral, competências igualmente evidenciadas ao longo do presente projeto.

A utilização de diferentes estratégias pedagógicas, incluindo modelos anatômicos, dinâmicas interativas e demonstrações práticas, mostrou-se fundamental para facilitar a compreensão de conteúdos frequentemente considerados abstratos pelos adolescentes, como a fisiologia dos sistemas reprodutores. Esse resultado está em consonância com Baldoino ***et al***. (2018), que destacam a efetividade de abordagens dialógicas e participativas na promoção da saúde sexual no contexto escolar, favorecendo maior envolvimento dos estudantes e melhor assimilação dos conteúdos quando comparadas às metodologias expositivas tradicionais.

A exibição do documentário “Meninas”, seguida de uma roda de conversa, constituiu uma importante estratégia de sensibilização sobre a gravidez na adolescência, permitindo que os participantes relacionassem os conhecimentos científicos às experiências retratadas na obra. Essa integração entre informação técnica e reflexão crítica é particularmente relevante diante do cenário descrito por Vieira ***et al***. (2021), que apontam o sexo desprotegido como um importante problema de saúde pública entre adolescentes, associado à gravidez não planejada e às infecções sexualmente transmissíveis, mesmo em um contexto de ampla disponibilidade de informações sobre sexualidade.

Embora o acesso à informação tenha aumentado nas últimas décadas, a literatura brasileira evidencia que a educação sexual no ambiente escolar ainda ocorre de forma fragmentada e pouco sistematizada. Furlanetto ***et al***. (2018), em revisão sistemática, verificaram que as ações desenvolvidas nas escolas frequentemente não contemplam a transversalidade preconizada pelas diretrizes curriculares nacionais, sendo, em geral, pontuais e dependentes da iniciativa individual de determinados profissionais. Corroborando esse cenário, Quirino e Rocha (2013) identificaram, em uma escola pública do interior do Ceará, dificuldades relacionadas à formação docente e à ausência de continuidade das ações voltadas à educação sexual. Em contraste, o presente projeto estruturou uma formação contínua, composta por etapas de sensibilização, aprofundamento teórico, atividades práticas e replicação dos conteúdos pelos próprios adolescentes, buscando minimizar algumas das limitações apontadas pela literatura.

Os temas relacionados ao autoconhecimento, ao consentimento e ao reconhecimento dos próprios limites, abordados na etapa final da formação, dialogam com a compreensão da adolescência como um período marcado pela construção da identidade. Conforme Schoen-Ferreira, Aznar-Farias e Silvares (2003), essa fase envolve intensos processos de definição da identidade pessoal, nos quais a exploração de diferentes papéis pode estar associada à adoção de comportamentos de risco quando não há espaços de escuta, reflexão e diálogo. Dessa forma, ao integrar aspectos relacionais e emocionais aos conteúdos técnicos sobre saúde sexual, o projeto buscou promover não apenas a ampliação do conhecimento, mas também o desenvolvimento de atitudes mais conscientes, autônomas e responsáveis em relação à sexualidade.

Entre as limitações deste relato destacam-se o reduzido número de estudantes bolsistas envolvidos na formação, a realização das atividades em apenas uma escola pública do sul do Espírito Santo e a natureza descritiva do estudo, que não contemplou a aplicação de instrumentos capazes de avaliar quantitativamente o impacto das intervenções sobre o conhecimento ou o comportamento dos adolescentes participantes.

Conclusão

A experiência de educação entre pares aqui relatada evidenciou que a articulação entre metodologias ativas de ensino e o protagonismo juvenil constitui uma estratégia potente para a promoção da saúde sexual no ambiente escolar. A iniciativa possibilitou a disseminação de informações sobre anatomia e fisiologia reprodutiva, métodos contraceptivos, infecções sexualmente transmissíveis e gravidez na adolescência, contribuindo para ampliar o conhecimento dos adolescentes participantes. Além disso, a atuação dos bolsistas como agentes multiplicadores favoreceu o desenvolvimento de competências relacionadas à comunicação, ao pensamento crítico, à autonomia e à responsabilidade na transmissão de informações em saúde.

Conclui-se, ainda, que a formação de adolescentes como agentes multiplicadores mostrou-se uma estratégia viável para promover a participação ativa dos jovens nas ações de educação em saúde sexual. A experiência demonstrou a importância de ações educativas contínuas e participativas, que possibilitem aos adolescentes não apenas o acesso à informação, mas também a construção e a disseminação do conhecimento entre seus pares. Dessa forma, iniciativas como o Programa de Iniciação Científica Júnior do Espírito Santo apresentam potencial para fortalecer a educação em saúde sexual no ambiente escolar e contribuir para a formação de adolescentes mais informados, críticos e protagonistas de seu próprio cuidado.

Referências

BALDOINO, Luciana Stanford et al. Educação em saúde para adolescentes no contexto escolar: um relato de experiência**. Revista de Enfermagem UFPE on line**, v. 12, n. 4, p. 1161–1167, 4 abr. 2018.

FURLANETTO, Maria Fernanda; LAUERMANN, Fernanda; COSTA, Camila Balbinot; MARIN, Angela Helena. Educação sexual em escolas brasileiras: revisão sistemática da literatura. **Cadernos de Pesquisa**, v. 48, n. 168, p. 550–571, 2018.

OLIVEIRA, Ana Beatriz Duarte; SANTOS, Aline Barbosa; COELHO, Marta Pereira; PARTELLI, Adriana Nunes Moraes. Protagonismo de adolescentes na promoção da saúde na escola: relato de experiência. **Revista de Educação Popular**, v. 24, n. 3, p. 388–403, 2025.

PADRÃO, Maria Regina Araújo de Vasconcelos et al. Educação entre pares: protagonismo juvenil na abordagem preventiva de álcool e outras drogas. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, n. 7, p. 2759–2768, jul. 2021.

QUIRINO, Glauberto da Silva; ROCHA, João Batista Teixeira da. Prática docente em educação sexual em uma escola pública de Juazeiro do Norte, CE, Brasil. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 19, n. 3, p. 677–694, 2013.

SCHOEN-FERREIRA, Teresa Helena; AZNAR-FARIAS, Maria; SILVARES, Edwiges Ferreira de Mattos. A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 8, n. 1, p. 107–115, abr. 2003.

VIEIRA, Kleber José et al. CONHECIMENTOS DE ADOLESCENTES SOBRE MÉTODOS CONTRACEPTIVOS E INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS. **Revista Baiana de Enfermagem,** v. 35, 10 fev. 2021.